

AFETIVIDADE E ESCOLARIZAÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Andressa Gabriela da Rocha Santana¹

Vera Luísa de Sousa²

Resumo

Este relato de experiência defende a tese de que a relação professor-aluno é fundamental em todos os níveis e modalidades de ensino, especialmente, considerando que em muitas situações o professor se transforma numa referência suprimindo afeto e atenção que o estudante não recebe em casa. O que indica que a interação que se estabelece entre professor e aluno, pela via da afetividade, pode afetar a representação que esta criança ou jovem terá sobre outras relações sociais que estabelecerá ao longo da vida. Afetação que pode ser positiva ou negativa, envolvendo as condições sociais, culturais e econômicas ao seu redor. Assim, um professor que seja afetivo com os seus alunos estabelece relação de segurança, evitando bloqueios cognitivos e afetivos, ajudando o aluno a superar os erros e aprender com os mesmos.

Palavras-chave: Relação Professor-Aluno; Afetividade; Superação.

Abstract

This experience report defends the thesis that the teacher-student relationship is fundamental at all levels and types of teaching, especially considering that in many situations the teacher becomes a reference providing affection and attention that the student does not receive at home. This indicates that the interaction established between teacher and student, through affectivity, can affect the representation that this child or young person will have regarding other social relationships that they will establish throughout their lives. Affectation that can be positive or negative, involving the social, cultural and economic conditions around it. Thus, a teacher who is affectionate with his students establishes a safe relationship, avoiding cognitive and affective blocks, helping the student to overcome mistakes and learn from them.

Keywords: Teacher-Student Relationship; Affectivity; Resilience.

Introdução

Este trabalho tem o intuito de defender a tese de que a relação professor-aluno é fundamental em todos os níveis e modalidades de ensino. O professor dentro da sala de aula é imprescindível para auxiliar no desenvolvimento dos alunos e para atuar sobre o modo como se relacionam um com o outro, um bom relacionamento entre professor-aluno tem como base a afetividade e a confiança.

Grande parte dos alunos tem o professor como uma referência, pois nem sempre têm o afeto e a atenção necessários em casa, então o aluno transfere sua carência para a relação com o professor, que passa a ser uma fonte de afeto e atenção fazendo o aluno ficar mais preenchido emocionalmente o que, por consequência, faz com que tenha mais atenção na aula o que resulta numa melhoria significativa na aprendizagem.

A afetividade é um conceito mais amplo, constituindo-se mais tarde no processo de desenvolvimento humano, envolvendo vivências e formas de expressão mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação. (LEITE, 2012, p. 360).

Como afirma Dér (2004, p. 61 apud LEITE, 2012, p. 360), a afetividade é um conceito que “além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão”. Indicando que a interação que se estabelece entre professor e aluno, pela via da afetividade, pode afetar a representação que esta criança ou jovem terá sobre outras relações sociais que estabelecerá ao longo da vida. Afetação que pode ser positiva ou negativa.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Orientadora e professora do curso de Pedagogia do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

De modo que, tanto uma boa relação entre professor e aluno no espaço da sala de aula, quanto uma relação fria e desprovida de conexão deixarão marcas que as crianças e/ou os jovens levarão para outras situações e contextos de suas vidas.

Como ensina Paulo Freire, a relação professor-aluno deve partir do reconhecimento das condições sociais, culturais e econômicas ao seu redor, portanto "o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria" (FREIRE, 2003.p.52).

Contudo, muitas vezes os educadores são obrigados a cumprir com os planos de ensino, seguindo as propostas educacionais e não levando em consideração a realidade dos alunos. Atualmente não há o uso de palmatória para punir comportamentos indesejáveis na sala de aula, porém Oliveira (1998, p. 13), comenta que “[...] os professores usam os próprios recursos didáticos como punição ao darem aos alunos tarefas adicionais, como por exemplo pedir para ler um livro como castigo por alguma indisciplina”. Podendo causar traumas psicológicos no aluno, limitando a afetividade que existia entre educador e aluno, fazendo com que o aluno não queira ir para a escola. Mas, como a criança e o jovem são obrigados pelo estado, e de uma certa forma pelos pais, a frequentar a escola, começam a empregar estratégias como atrasar para as aulas, realizar outras atividades no período de aula ou até mesmo abandonar a escola.

A relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos envolvidos. (AQUINO, 1996, p.34).

Pela importância e delicadeza da temática, para o processo de escolarização, este relato trará reflexões sobre minha experiência como estudante da educação básica e, também, como estagiária do curso de Pedagogia. Contextos nos quais vivenciei, muito de perto, situações envolvendo a afetividade no processo de ensino aprendizagem.

Meu objetivo é provocar reflexões sobre o papel da afetividade no processo educativo e sobre sua ausência e, também, sua presença ao longo desse período.

Afetividade e escolarização: relato de experiência

Ao longo do meu processo de escolarização passaram vários professores, alguns deixaram marcas e outros, nem tanto. Durante o meu Ensino Fundamental passou uma

Professora de Língua Portuguesa que marcou muito a minha vida, vamos chamá-la de Maria. A Maria era uma professora espetacular, atenciosa comigo, eu sempre tive muita dificuldade em conjugar verbos, de gramática não era muito boa. Eu não tinha o hábito de leitura e a professora Maria me ajudava muito com isso, começou a passar atividades extras para fazer em casa, tinha que entregar leituras toda semana, ela sabia ouvir os alunos, isso fez com que eu aprendesse com facilidade a matéria.

Já no Ensino Médio os Professores meio que não se importavam se os alunos aprendiam ou não, só queriam passar as atividades das apostilas.

Tenho vários pontos negativos, não existia afetividade alguma entre alunos e professores, uma vez durante a aula de Matemática, eu tive dificuldade em entender a matéria passada pelo professor na lousa, pedi para o mesmo me explicar novamente, pois não tinha entendido o objetivo da atividade, ele se virou para mim na frente de todos os alunos e falou que não ia explicar por que a matéria passada era de fácil entendimento e não teria como ter dúvida. Devido a esse acontecimento eu me recuei em sala de aula, não participava das explicações, dúvidas e continuo com esse “pressentimento” de que todos os professores até hoje irão me responder daquela mesma forma, fazendo com que não participe das aulas.

A partir do exposto, é possível defender que a afetividade está presente em todas as decisões assumidas pelo professor em sala de aula, produzindo continuamente impactos positivos ou negativos na subjetividade dos alunos. Trata-se, pois, de um fator fundante nas relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A qualidade da mediação pedagógica, portanto, é um dos principais determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre os sujeitos/alunos e os objetos/conteúdos escolares. (LEITE, 2012, p.365)

Ao iniciar o estágio obrigatório no curso de graduação em Pedagogia, me deparei com duas situações diferentes, mas ligadas à questão das relações entre professor e aluno e que passam pela presença ou ausência da afetividade nessas relações. Sabemos que o papel do professor é transformar o mundo sensível em um mundo da linguagem, mas para isso ser feito é necessário ter afetividade com as crianças, para que as crianças possam se sentir acolhidas em sala de aula para se expressar na frente da turma.

Sendo assim, percebi que a educadora responsável pela turma não se interessava verdadeiramente pela educação das crianças. A rotina não deixava espaço para objetivos pedagógicos no trabalho da professora: as crianças chegavam na escola e faziam oração; iam para o refeitório, tomavam café da manhã; retornavam para a sala; a professora

distribuía brinquedos livres, sem nenhum objetivo pedagógico, passando-se assim duas horas, quando tinha alguma data comemorativa, próxima, imprimia algum desenho relacionado ao tema, explicava para os alunos, e na hora de realizar a pintura segurava na mão na criança, não demonstrando nenhuma proximidade ou afetividade pelas crianças. Por volta das 10h30, as crianças iam tomar banho. Primeiro as meninas, todas juntas e com a porta trancada, eram colocadas no banheiro. Em seguida, era a vez dos meninos. Logo após o banho as crianças eram levadas ao refeitório para o horário de almoço, depois disso retornavam à sala de aula e todas as crianças eram obrigadas a dormir, logo depois que algumas crianças dormiam a professora responsável saía da sala e deixava a Atendente do desenvolvimento infantil (ADI) e assim se passavam os dias.

A professora não mostrava nenhum tipo de empatia ou identificação com as crianças, ao contrário fazia “piadas” preconceituosas com relação à raça, cor e textura de seus cabelos.

Pode ser que naquele espaço de um (1) ano a professora tenha deixado marcas que acompanharão a vida escolar daquelas crianças, prejudicando assim o desenvolvimento pedagógico das mesmas. Como Hélène Gratiot-Alfandéry explicita nesta longa citação:

[...] o sentido de uma situação se impõe pelas atividades que desperta, pelas disposições e atitudes que suscita. No desenvolvimento psíquico, essa intuição prática precede de longe a capacidade de discriminação e de comparação. É uma primeira forma de compreensão, mas ainda totalmente dominada pelo interesse do momento e comprometida com os casos particulares. Entre indivíduos, são o acordo ou a reciprocidade das atitudes os primeiros a poder realizar uma espécie de contato e de entendimento mútuos, mas ainda totalmente absorvidos pelos apetites ou pela impulsividade do instante presente. Uma imagem que sirva para a comparação e para a previsão só poderá nascer dessas relações pragmáticas e concretas reduzindo gradualmente a parte que cabe às reações posturais, ou seja, às emoções e à afetividade. Inversamente, cada vez que voltarem a prevalecer atitudes afetivas e a emoção correspondente, a imagem perderá sua polivalência, se obscurecerá, será abolida. É o efeito observado habitualmente no adulto: redução da emoção pelo controle ou pela simples tradução intelectual de seus motivos ou circunstâncias; perda de direção do raciocínio e das representações objetivas devido à emoção. Na criança, é lento o progresso de suas reações puramente ocasionais, pessoais e emocionais para uma representação mais estável das coisas; e os reflexos são contínuos. No próprio domínio da afetividade, transformações são o resultado desse conflito. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p. 73-74.)

Tive também outra vivência totalmente diferente da primeira, aconteceu em outra unidade escolar básica de educação pública. Acompanhei o trabalho de uma educadora

com mais de 25 anos de profissão e que, na minha percepção, dedica o seu tempo aos alunos da turma.

De acordo com o planejamento escolar as crianças chegam à escola, entram para a sala de aula e escolhem uma cadeira para sentar, com a chegada de todos os alunos a educadora faz a chamada, pergunta para cada criança como passou a noite, o que comeu no jantar, fazendo uma espécie de roda de conversa. Logo depois as crianças, juntamente com a educadora e a estagiária, dirigem-se para o refeitório para tomar o café da manhã. Feito isso, voltam à sala de aula, a professora pega o seu material pedagógico distribui para os alunos, explicando logo em seguida com a estagiária auxiliando. A criança que se encontra com maior dificuldade levanta-se e vai até a mesa da educadora, a mesma explica com mais detalhes sobre a atividade proposta para que o aluno possa ter um entendimento melhor. Depois que todas as crianças realizaram a atividade teórica, a educadora promove uma atividade prática reforçando a atividade anterior, sempre perguntando para as crianças se as mesmas estão entendendo o objetivo da atividade proposta.

Depois de terem realizado as atividades, as crianças partem para o refeitório e almoçam, logo depois escovam os dentes e esperam dar a hora dos pais irem buscá-las, enquanto os pais não chegam as crianças, com o auxílio da professora, contam de 0 a 10. Depois disso a Educadora, juntamente com a estagiária em sala de aula, abre outra roda de conversa, na qual ela pergunta para as crianças o que acharam sobre a atividade realizada, se tiveram alguma dúvida e não quiseram falar na hora em que a educadora estava abrindo espaço para todas as crianças falarem.

A diferença entre as duas educadoras é bem clara, de acordo com Mahoney e Almeida (2005), a afetividade do professor implica na aprendizagem que provavelmente é um mecanismo que tem influência sobre a motivação e o interesse por parte dos alunos no processo de aprender. Quando o professor valoriza a proposta educacional pensando nos seus alunos e envolvendo a afetividade, poderá atingir a participação imediata por parte dos alunos que sentem que podem confiar no professor. O professor deve acolher seu aluno, passando certa confiança, para que os mesmos expressem suas opiniões em sala de aula.

Considerações Finais

Vimos que a Afetividade é de suma importância na vida de todas as pessoas, produzindo impactos positivos e negativos na subjetividade principalmente na vida daqueles que estão começando agora a vida escolar.

Percebe-se que ao serem estabelecidos vínculos afetivos sadios entre o professor e o aluno a aprendizagem é facilitada, visto que a interação entre estes atores seja de companheirismo, confiança e respeito. Assim, um professor que seja afetivo com os seus alunos estabelece relação de segurança, evitando bloqueios cognitivos e afetivos, ajudando o aluno a superar os erros e aprender com os mesmos. Afinal, quando promove a afetividade - seja por meio de uma roda de conversa ou pela atenção que dispensa aos estudantes -, o professor certamente estará colaborando para o fortalecimento do bem estar e da subjetividade do seu aluno, possibilitando uma redução do conflito que acontece no processo de organização e controle das emoções, o que, sem dúvida, também se apresenta como função do processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio **A relação professor-aluno**: do pedagógico ao institucional. São Paulo: Summus, 1996, p.34.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.p.52

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Tradução e organização Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4686.pdf>. Acesso em 15 fev. 2022.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. In: **Temas em psicologia**. vol.20. n. 2. p. 355-368, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em 20 jun. 2022.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 mai. 2022.